

## O que conhece sobre o massacre de Kitchanga?

Em plena rebelião do M23, no fim de Fevereiro de 2013, rebentam confrontos entre a APCLS (Aliança dos Patriotas por um Congo livre e soberano, grupo armado de etnia hunde hostil aos ruandófonos) e o 812º regimento das FARDC. No comando desse regimento está o coronel François Safari Mudahunga, conhecido por «Delta Mike». O seu adjunto é o Tenente-Coronel François Muhire Sebazanza. Ambos são próximos de Bosco Ntaganda, oficial do exército congolês na origem da rebelião do M23 (temendo ser preso pelo Tribunal Penal Internacional pelos crimes cometidos em Ituri, para quais era formalmente acusado, Bosco Ntaganda desertou do exército congolês, levando consigo dezenas de antigos companheiros de armas).

Em Kitchanga, tudo é despertado pelo assassinio, a 16 de Fevereiro de 2013, do responsável das operações da APCLS por uma patrulha mista polícia-exército. Como represália, cinquenta combatentes da APCLS atacam uma das posições do 812º regimento numa colina. Mas o confronto entre os combatentes da APCLS e os militares do 812º regimento transforma-se num massacre de civis, maioritariamente hundes, acusados de apoiar a APCLS.

A justiça militar congoleza excluiu que se pudesse tratar de simples confrontos. Ela não recenseou mais do que 12 militares e 5 rebeldes APCLS mortos. Entre os civis, contabilizou 206 mortos baleados, 191 feridos. No que diz respeito aos bens materiais, 222 actos de saques e 206 casas incendiadas. Trata-se de uma investigação detalhada. 465 pessoas foram ouvidas.

O grupo de peritos das Nações Unidas sobre o Congo consagrou um capítulo do seu relatório de Julho de 2013 aos acontecimentos em Kitchanga. Apresenta este massacre como o resultado de uma operação de integração falhada de grupos armados no interior das FARDC. Em 2013, o Estado-maior do Norte-Kivu decidiu integrar cerca de 300 combatentes da APCLS nas suas posições. A integração da APCLS não agradou ao 812º regimento, maioritariamente ruandófono, que tem medo de perder o controlo da localidade. Quando a APCLS ataca uma das suas posições, o coronel Mudahunga envia os seus homens para massacrarem civis hundes em Kitchanga.

*«O Grupo de peritos obteve uma declaração registada na qual Mudahunga dava aos seus oficiais a ordem de «matar quem quer que seja em Kitchanga (...). Ele considerava que todos os Hundes eram partidários da APCLS.»*

Extracto do relatório do grupo de peritos da ONU sobre o Congo 2013 – página 28, secção 124

[http://www.un.org/french/documents/view\\_doc.asp?symbol=S/2013/433](http://www.un.org/french/documents/view_doc.asp?symbol=S/2013/433)

Os peritos da ONU acusam os homens do 812º regimento, não somente de terem tido uma parte activa no massacre, mas também de o terem facilitado antecipadamente o fornecimento de armas às milícias ruandófonas, igualmente acusadas.

*«Um antigo oficial do M23 e dois oficiais do exército congolês, operando sob as ordens de Mudahunga, indicaram ao Grupo de peritos que, a 24 de Fevereiro de 2013 [antes dos*

*primeiros incidentes], Mudahunga e Muhire distribuíram ao mesmo tempo armas a jovens e a pastores ruandófonos em Kitchanga e no campo de deslocados vizinho, em Kahe, e incitaram-nos a atacar os Hundes.»* Extracto do relatório do grupo de peritos da ONU sobre o Congo – página 28, secção 122

[http://www.un.org/french/documents/view\\_doc.asp?symbol=S/2013/433](http://www.un.org/french/documents/view_doc.asp?symbol=S/2013/433)

© Sonia Rolley

